

PAULO DE GOES (*)

O HUMOR:

UMA TENTATIVA

D E

A N Á L I S E

D A

C O N T R I B U I Ç Ã O

F R E U D I A N A

(*) Professor de Lógica na Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Sorocaba.

Embora haja no ser humano uma certa "fome de felicidade e alegria", não são muitos os motivos para se rir no mundo de hoje. Como é possível rir num contexto marcado pela opressão dos mais diversos matizes e das mais diferentes origens? Como cultivar a alegria numa sociedade alienada e alienante?

Entretanto, o riso, é bom que se diga, é um dos fatos primários do comportamento humano e elemento da mais alta importância para o equilíbrio da personalidade. Tanto isto é verdade, que encaramos como anormais as pessoas que dele se abstêm. "O riso é o sacramento que faz com que as crianças e palhaços andem de mãos dadas, muito embora seus risos sejam diferentes".(1)

O riso está intimamente ligado ao humor, embora se saiba que aquele pode surgir em situações que nada têm a ver com este. O humor, por sua vez, está intimamente ligado à vida e, por isso, num mundo como o nosso, onde as contradições e a angústia são tão abundantes, a redescoberta do humor pode até se afirmar como uma excelente contribuição terapêutica.

Mas há os que têm medo de brincar, de rir. Nossa sociedade se tornou séria demais. Sobrecenhos carregados tomaram lugar dos rostos joviais. Assuntos graves substituiram as amenidades. Num contexto capitalista, onde "tempo é dinheiro", não há lugar para os assuntos que não têm caráter de seriedade.

Entretanto, é justamente neste mundo dominado - pela seriedade que se faz necessário recobrar o gosto pelo riso, pelo humor. "Os verdadeiros sábios", - lembra-nos Octavio Paz, "não têm outra missão que aquela de nos fazer rir por meio de seus pensamentos e de nos fazer pensar por meio de seus chistes" (2). - Kolakowski(3) já havia afirmado que há dois tipos de atores: o **sacerdote** e o **bufão**. O primeiro espalha a aura do sagrado, da gravidade, da serenidade, obrigando a que os outros, no caminho, curvem-se, genu -

flexos, ante a imponência dos símbolos. As pessoas - passam a ser reverenciadas, as instituições sacralizadas, as estruturas consideradas intocáveis, as tradições tidas como irreformáveis. Fardas, colarinhos-clericais, capas doutoriais, linguagem erudita, decretos bem elaborados passam a se transformar em ídolos. E aqueles que se rebelam contra o império da solenidade dos novos sacerdotes terão seus ajustes de contas nos tribunais, nos patíbulos, nos campos de concentração. Os bufões, ao contrário, exorcizam os demônios da gravidade e da solenidade, instaurando um clima informal e espontâneo, onde o indivíduo é livre, não escravo de pessoas, instituições ou regras. A reverência se transforma em riso, a gravidade em clima festivo, os ídolos são destruídos pela força-íconoclasta dos bufões. "O riso que despedeça os ídolos... E o mundo, livre dos ídolos, se transforma em jardim dos prazeres: tudo é permitido desde que o nome sagrado continue a ser invocado em silêncio e o ruído do riso continue a exorcizar demônios..."(4).

Um estudioso que procurou focalizar o humor com certa originalidade, sem descambiar para o lugar comum das considerações românticas ou divagações filosóficas, foi, sem dúvida, Sigmund Freud. Embora o tema fosse tomado numa época em que a teoria psicanalística se encontrava ainda em seus primórdios, Freud soube imprimir certa profundidade tanto às suas pesquisas como às suas conclusões. É verdade que, em algumas circunstâncias, abandonou o assunto e, às vezes, fez comentários um tanto quanto depreciativos sobre seu livro a respeito dos chistes, considerando-o um **desvio lateral** das suas investigações sobre os sonhos. A despeito disto, porém, sua contribuição ao tema é de grande importância.

No presente artigo, sem precisão metodológica - de especialista na vasta obra de Freud, pretendemos fazer uma rápida incursão na análise freudiana do humor, tentando apontar aspectos da contribuição do notável pensador. O que vamos expor é apenas o resulta-

do de uma leitura "linear" de seus trabalhos sobre o assunto, alinhavando quase que de forma a-sistemática alguns pontos mais importantes. O objetivo é apenas divulgação, não aprofundamento.

Também, por amor a espaço, estamos dispensando uma introdução preliminar sobre o conceito de humor, bem como sua evolução histórica, especialmente do biológico ao psicológico(5). Nossa intenção é destacar diretamente a contribuição de Freud, visto que, por certo, ele nos ensinará por que nos enveredamos pelo caminho da seriedade, desprezando a senda do riso e por que o **princípio do prazer** tem sido sufocado pelo **princípio da realidade**. Este tem a ver com a dureza da vida, com a irreversibilidade dos fatos. Aquele é a força subversiva da imaginação que não se deixa domesticar totalmente. Por isso, o **princípio do prazer** explode de tempos em tempos, liberando as tensões. E isto, evidentemente, contribui para o equilíbrio da personalidade.

1. Freud e o humor.

Sem falar nas obras que abordam indiretamente o assunto, Freud deteve-se no estudo do humor em pelo menos dois trabalhos específicos(6).

Inicialmente, é preciso lembrar que Freud insiste na distinção entre o **chiste**, o **cômico** e o **humor**. O primeiro, que sinonimicamente pode ser identificado como gracejo, piada, anedota, trocadilho, provoca o riso por meio de um jogo de palavras ou idéias. O segundo refere-se a eventos ou objetos lúdicos de caráter alegre ou travestidos de situação que possa provocar o riso, envolvendo a percepção de alguma espécie de contraste. O último refere-se aos casos em que uma pessoa dá pouca importância a seus infortúnios, preferindo ver o seu lado engraçado.

O cômico, diferentemente do chiste, não se faz simplesmente através de palavras, mas é percebido =

nas situações, nas formas, nos movimentos, nas ações e nos hábitos das pessoas, sendo, em geral, não intencional. Se no chiste é necessário três pessoas, o cômico contenta-se com duas. Freud aponta que o chiste tem seu centro localizado no inconsciente (é a contribuição do inconsciente para o cômico). O cômico, - por sua vez, dispensa este imersão no inconsciente, - tendo sua origem no pré-consciente.

Se no cômico e no chiste o riso não acontece - quando há ansiedade, tristeza, preocupação, emoções-dolorosas, visto que nenhuma energia pode ser poupança e, sim, mobilizada para a vigilância ou para a ação, no humor dá-se o contrário. Este tem sua origem quando emoções dolorosas iniciam uma tentativa de supressão, que se revela desnecessária. Através do humor, o homem eleva-se acima de suas dores, raiva e outros sentimentos. Mostra-se forte na medida em que economiza o dispêndio de afetos e emoções. E, ao contrário do que ocorre nos chistes e no cômico, o humor pode ser realizado e apreciado por uma só pessoa.

Vista a distinção fundamental entre o chiste, o cômico e o humor, vejamos, ainda que de relance, alguns aspectos do chiste, respigados na obra já referida. Este trabalho é de difícil leitura, uma vez que Freud, como cientista meticoloso, esmerou-se nos detalhes da análise, utilizando, para isso, de uma linguagem compacta e densa. Talvez por isso o livro seja um dos menos compreendidos na vasta bibliografia freudiana e, como assinalou M. Robert(7), um dos menos traduzidos para outras línguas, principalmente - pela dificuldade de se traduzir o chiste, preservando sua integridade.

A gênese deste trabalho, ao que parece, deve-se a uma observação do amigo do ilustre psicanalista, - Wilhelm Fliess(8), que se admirava por encontrar nas cartas de Freud tantas anedotas, jogo de palavras, - brincadeira de mau gosto. Freud sempre se descartava desta observação, alegando que a freqüência destas construções verbais se deviam às associações e narra-

tivas de sonhos de seus doentes. No fundo, porém, o fato o preocupava. Muitas vezes perguntou a si mesmo se haveria uma ligação entre os ditos chistosos e o inconsciente. Em 1897, escrevendo a Fliess, declarava haver encontrado a solução do problema, mas como nessa época encontrava-se inteiramente absorvido pelo estudo dos sonhos, não poderia dedicar-se com afinco a ele. No ano seguinte, um estímulo maior surge para o estudo dos chistes, pois teve a oportunidade de ler a obra de Theodor Lipps, O Cômico e o Humor. Esta leitura foi o início de uma longa série de investigações e reflexões que se estenderam a vários anos de trabalho. Daí a razão de Freud justificar, na introdução da obra, o intenso trabalho que lhe deu esta investigação, aparentemente tão acessória e afastada de suas preocupações côstumeiras.

Freud iniciou suas considerações sobre o chiste, fazendo dele um instrumento de trabalho. Preocado em investigar os sonhos, Freud deparou com um fato interessante: muitos deles, depois de interpretados, produziam o efeito dos chistes e das piadas. Aprofundando mais seus estudos, visando esclarecer a questão, convenceu-se da estreita semelhança entre a linguagem dos sonhos e dos chistes. Assim, imaginou aplicar aos chistes um método de investigação semelhante ao que usava com os sonhos, processo este que chamou de "redução do chiste".

Utilizando este método, Freud vai demonstrando, de modo gradual e desapressado, que os chistes, uma vez aplicada a redução, transformam-se em setenças-inócuas, pensamentos vulgares ou, então, em expressões de conteúdo filosófico. Em outros casos, também o chiste pode se transformar em agressões verbais, - insultos, etc... Daí a distinção estabelecida entre **chistes inocentes e chistes tendenciosos**. No primeiro caso, o chiste parece ter um fim em si mesmo, ou seja, provocar o prazer à custa apenas de técnicas-pertinentes. No segundo caso, o objetivo é provocar

o riso franco, a gargalhada, permitindo a liberação dos impulsos eróticos e agressivos.

Usando a técnica da "redução dos chistes", Freud dissecava no livro cento e sessenta chistes, piadas e anedotas, provando, de maneira sistemática, detalhada e exaustiva, que não só os meios expressivos dos chistes são os mesmos que encontrou nos sonhos, como também sua essência produz prazer e graça.

O humor, propriamente dito, só vai ser abordado de uma forma direta por Freud, em 1927, à luz de novas teorias. Seu ensaio sobre o humor traz novas perspectivas para a compreensão do tema. Este pequeno trabalho foi escrito em apenas cinco dias, na segunda quinzena de agosto de 1927, tendo sido lido por sua filha Anna Freud, no dia 1º de setembro do mesmo ano, no X Congresso Psicanalítico Internacional, realizado em Innsbruck. Em 1928, foi publicado pela revista francesa **L'Image**, especializada em assuntos psicanalíticos.

Freud começa o ensaio apontando duas maneiras através das quais se processa o fato humorístico. Na primeira, o humorista assume inteiramente o papel, sendo que a segunda pessoa funciona apenas como espectadora. A trama humorística, os gestos, o envolvimento se voltam para a ação do sujeito que assume o papel. A segunda pessoa é apenas acessória. Na segunda maneira, o humorista envolve outras pessoas na descrição. Assim, o fato é imaginado como se outras pessoas estivessem vivendo a trama humorística, sendo, no caso, o sujeito apenas um "narrador". É evidente que esta narração tem de ganhar conotação de humor, pois, do contrário, seria apenas um relato frio como uma simples história.

Se, no tratamento dos chistes, a investigação de Freud foi dentro de um ponto de vista econômico, neste ensaio, a sua conclusão é de que a poupança em gasto emocional não explicava toda a grandeza do humor. Humor não é resignação. E, sobretudo, alegria triunfante, vitória do princípio do prazer.

O ego, forçado a submeter suas tendências de prazer às exigências da realidade, volta as costas a esta, e goza, sem culpa e sem inibições, uma vivência narcisista. Essa vitória dá ao ego, aparentemente invulnerável, uma sensação de força. Pode haver riso, mas, comumente, basta o discreto sorriso.

2. O humor como agente libertador.

Uma das características fundamentais atribuídas por Freud ao humor é o fato de ele possuir em si um **elemento libertador**. Este elemento consiste na "recusa de ser ferido pelas setas da realidade ou de ser obrigado a sofrer. Insiste em que é insensível aos golpes desferidos pelo mundo exterior e que, na realidade, esses golpes não passam de meras ocasiões de proporcionar-lhe prazer"(9). Oswaldo Domingues de Moraes, citando M. Grotjahn, que relacionou o humorista com a estrutura psíquica do masoquista e do melancólico, escreve: "Comporta-se o humorista como se conhecesse a miséria do mundo, mas continua a fazer pouco caso dela. Sabe que está no 'vale de lágrimas' mas comporta-se como se ainda estivesse no Éden. Não nega a infelicidade, mas finge triunfar sobre ela"(10).

Freud menciona as palavras de um criminoso que, levado ao patíbulo numa segunda-feira, exclama "A semana principia bem". E observa: "A essência do humor reside no fato de nos pouparmos das emoções que a situação deveria provocar e de nos sobrepormos a tais manifestações afetivas graças a uma piada"(11). O humor é, pois, um método com que se visa fugir à opressão da dor. O humor muda o ambiente e saltitana desproporção entre o homem e a realidade; ativa a liberdade interior; tem o senso do relativo, soltando os absolutos que o são apenas a partir de determinado ponto de vista. Nenhuma palavra do homem poderá furtar-se à sua leve impertinência.

De acordo com as idéias de Freud, o humor, re-

pudiando a possibilidade de sofrer, passa a desempenhar uma função libertadora. Deste modo se destaca algo nobre e elevado no humor, ou seja, a afirmação vitoriosa do ego, quanto à sua invulnerabilidade em face de reais circunstâncias adversas. É a vitória, ainda que circunstancial, do princípio do prazer sobre o princípio da realidade.

O prazer causado pelo humor nunca tem intensidade equivalente à causada pelo cômico ou pelo chiste, não se expandindo em gargalhada aberta. Entretanto, sem sabermos bem o porquê, atribuímos a esse prazer menos intenso um valor grandioso: sentimos que seu efeito é, sobretudo, libertador e significante. No humor, o gracejo não é essencial: ele tem apenas o valor de uma demonstração. O principal mesmo é a intenção a que o humor obedece, referente à própria pessoa ou a outras. No fundo, parece dizer: "Olhe, isto é tudo o que significa este mundo aparentemente perigoso - um brinquedo de criança -: é exatamente para isto que se deve gracejar!"(12). E por meio deste estratagema mental do humor, afirma Freud, que o super-ego, um duro senhor, fala ao assustado ego palavras tão delicadas de conforto e procura protegê-lo contra o sofrimento.

Portanto, o humor, na perspectiva freudiana não é nenhum riso frívolo e superficial, mas uma alegria profunda que brota do íntimo, afirmindo que nenhum condicionamento aprisiona o homem por completo. O homem que reage com humor diante de um acontecimento que o abate, descobre sua verdadeira dimensão. Na dor humana, o humor é um sinal de transcendência. Assim, podemos dizer que aquele que sorri diante da morte, vive antecipadamente a sua imortalidade.

E interessante que esta perspectiva do pensamento de Freud se enraíza na concepção judaica do humor. Marc Tanenbaum, num pequeno mas bem fundamentado estudo sobre o humor no judaísmo, afirma que o "humorismo judeu exprime com requinte a técnica psicodinâmica com que o povo judeu enfrentou os sofrimen-

tos e os horrorosos padecimentos infligidos pelo anti-semitismo que se espalhou pela sociedade e civilização ocidentais, tanto cristã como secular, durante a maior parte dos mil e novecentos anos da Diáspora"(13). Desde os tempos bíblicos e rabínicos até o dia de hoje, os chistes que os judeus contam entre si a respeito deles mesmos, se referem quase sempre à dureza de suas vidas, durante muitos séculos. Esta espécie de humorismo tinha por fim neutralizar o aguilhão do sofrimento, como se o próprio sofrimento fosse coisa divertida. É quase como se os judeus se dessem ao trabalho de inventar pilhérias a respeito deles mesmos, a fim de se antecipar aos sofrimentos que o mundo lhes reservara e de amortecer-lhes o impacto com essa antecipação. Excetuando-se a visão estritamente ascética, adotada por certos rabinos medievais que condenavam o humorismo e as risadas, os rabinos do período talmúdico não viam motivo para nenhuma condenação geral ao humor, desde que este seja expressão de alegria e divertimento e, principalmente, expressão de transcendência sobre as situações de opressão. Neste sentido, os rabinos eram, como os chamou C.G. Montefiore, "elasticamente otimistas"(14), - pois nem as perseguições nem os contratempos jamais lhes abateram o ânimo. Em suma, os rabinos do Talmude, embora condenassem o riso e a frivolidade, apreciavam sinceramente o salutar efeito psicológico do riso e do humor.

E a contribuição freudiana no estudo do humor reside, especialmente, na sua valorização, não vendo no mesmo um evento leviano e inconsequente, mas algo enraizado na vida humana, cuja influência atinge todo o relacionamento social.

3. Conclusão

Nossa preocupação, nos limites deste artigo, é a de redescobrir a importância do assunto em meio a uma sociedade que valoriza a seriedade. E, para tal,

as idéias de Freud são indispensáveis. Como os trabalhos críticos sobre o assunto são raros (e, talvez, por trás desta realidade estejam causas culturais muito mais profundas e duradouras), a presente abordagem pretende fomentar a discussão.

E uma derivação desta discussão poderia ser representada na aplicação, com todo aparato crítico necessário, das idéias de Freud sobre o humor à educação.

Hubert Henz, falando das qualidades reclamadas para que alguém desempenhe mais eficazmente a função educacional, diz: "Igualmente é de grande auxílio o bom humor, o qual faz ver o mundo e suas dores como que à distância e sem muita preocupação por causa da profunda crença na realização final de seu sentido" (15). E evidente que este "bom humor" que Henz postula não é o idealismo balofo, ingênuo ou triunfalista, nem o infantilismo acrítico. É uma postura que reclama reflexão séria e demorada.

Recebendo a pesada carga da herança ideológica que valoriza a seriedade, respirando ares onde o humor e o riso são vistos a partir de uma moldura que os qualifica como irrelevantes e inconseqüentes, sendo a todo instante levados a encarar o cotidiano com olhar sisudo e discreto, a lembrança do humor e sua consequente aplicação à educação poderia ser útil, mormente no sentido de se dar à atividade educacional uma perspectiva libertadora.

Para isto, porém, é necessário que recoloquemos o "princípio libertador" do humor, assinalado por Freud, em sua devida dimensão, ou seja, inserido na vida. Pois, na verdade, o que estamos acostumados a fazer é descobrir uma certa "impureza" no humor, quando comparado às coisas sérias. Quando assistimos a uma conferência ou algo similar e o conferencista diz qualquer coisa engraçada, tendemos a sorrir em parêntesis, ou seja, separando o lugar do riso do ambiente intelectual em que estamos. Fomos ensinados a pensar e a agir a partir da idéia de que o humor e o ri-

so são aspectos separados da reflexão, do aprendizado, da atividade intelectual e, consequentemente, não incorporados às grandes verdades da vida.

Assim como Huizinga descobriu no conteúdo de nossas ações uma eterna arte de jogar, a ponto de assinalar a existência do **homo ludens**(16), e os educadores se apropriaram desta idéia básica, utilizando o jogo como instrumento educacional(17), poder-se-ia também, a partir do humor, formular a idéia básica de uma teoria e de uma prática educacional. Reconhecemos que vozes isoladas, como a de Henz, têm colocado o assunto em questão, mas não se formulou ainda uma teoria com fundamentação sólida e nem se criou um processo de aplicação do "princípio libertador" do humor à educação.

É evidente que esta perspectiva não pretende ser, como na realidade não é, nenhum encaminhamento original da questão. Entretanto, vemos uma relevância muito grande do humor a partir desta perspectiva. Não se trata de uma visão meramente psicanalítica, mas está voltada para uma concepção mais ampla. O riso e o humor sempre explodem a partir do momento em que nos libertamos daquilo que nos opõe: quando nos libertamos dos nossos pesares, apesar de sua existência e permanência, quando rompemos as correntes que tolhem os nossos movimentos, quando derrubamos todas as resistências e demolimos as barreiras. Em resumo, quando conseguimos atingir a verdadeira dimensão do humano. Assim, a aplicação do humor à prática educacional poderia dar a esta um sentido eminentemente libertador.

Notas

1. Rubem Alves, Variações sobre a Vida e a Morte. A Teologia e sua Fala. São Paulo, Paulinas, 1982, pg. 155.
2. Cit. por Rubem Alves, Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo, Cortês Editora/Autores Associados, 1981, pg. 5.

3. A referência é de Rubem Alves, Variações sobre a Vida e a Morte, pg. 163.
4. Id., ib., pg. 164.
5. Para um conhecimento introdutório sobre o humor aconselhamos a leitura do interessante clássico sobre o assunto: Robert Escarpit, L'Humor. Paris, Presses Universitaires de France, 1968.
6. Referimo-nos primeiramente ao seu ensaio Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten, 1905, que utilizamos na versão espanhola, El Chiste y su relación con lo Inconsciente. Madrid, Alianza Editorial, 1973 e, em segundo lugar, ao seu artigo "Humor", publicado em 1928 na revista L'Image, vol. XIV, fasc. I e introduzida na Edição Standard de suas obras completas, vol. XXI.
7. Marthe Robert, A Revolução Psicanalítica. Lisboa, Moraes Editores, 1968, pg. 218.
8. Wilhelm Fliess era um otorrinolaringologista que vivia em Berlim, onde mantinha uma clínica que desfrutava de uma grande clientela. Homem sedutor pelos conhecimentos científicos acumulados, pela riqueza da cultura literária, pela ousadia em não ficar restrito aos limites da sua especialidade, atraiu a amizade de Freud por cerca de 12 anos. Fruto desta amizade foi a vasta correspondência mantida entre os dois, onde assuntos da maior seriedade eram discutidos. Esta amizade, porém, ao fim de 12 anos, rompeu-se bruscamente e Freud destruiu todas as cartas que Fliess lhe enviara. O amigo, todavia, conservou as cartas de Freud. Alguns anos depois da morte de Fliess, em 1928, a viúva vendeu a uma livraria de Berlim as 284 cartas de Freud, acompanhadas de notas e manuscritos.
9. Sigmund Freud, Character and Culture. New York, Collier Books, 1963, pp. 265-266.
10. Oswaldo D. de Moraes, "Freud, dos chistes ao cômico". Revista de Cultura Vozes, 1974, nº 1, pg. 29.
11. Sigmund Freud, op. cit., pg. 266.
12. Id., op. cit., pg. 266.
13. Marc Tanenbaum, "O Humorismo no Talmude". Concilium, 1974, nº 5, pp. 670-671.

14. C.G. Montefiore e H. Loewe, A Rabbinic Anthology. New York, Meridian Books, 1938. Cit. por M. Tanembaum, loc. cit. p. 672.
15. Hubert Henz, Manual de Pedagogia Sistemática. São Paulo, Herder, 1970, pg. 226.
16. Johan Huizinga, Homo Ludens. Madrid, Alianza Editorial, 1973.
17. Inúmeros são os educadores que assinalaram o valor do jogo na educação. Claparède, por exemplo, apontava no jogo a função de permitir a realização do eu, seguindo momentaneamente a trilha do seu maior interesse, nos casos em que o indivíduos não consegue recorrendo às atividades sérias. Além dessa função cardeal do jogo, identifica outras: 1) O jogo é diversão; 2) O jogo é relaxamento; 3) O jogo é um agente de progresso social; 4) O jogo é agente de transmissão da cultura. Cf. J. Claparède, Le Developpement Mental. Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1951, pg. 133ss. Piaget também reconheceu o valor do jogo para a educação, embora tomasse uma posição crítica, observando que grande número de teorias explicativas do jogo mostra o quanto este fenômeno resiste a uma compreensão causal e que a razão disto está na tendência de considerá-lo como função isolada, em vez de vê-lo simplesmente como um aspecto de nossa conduta.
